RESENHA MUSICAL

Diretor. PROF. CLOVIS DE OLIVEIRA

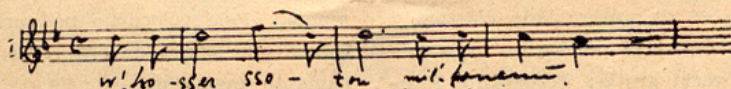
Redatora: PROFA. ONDINA F. B. DE OLIVEIRA

R. Cons.º Crispiniano, 79 - 8.º andar — S. PAULO

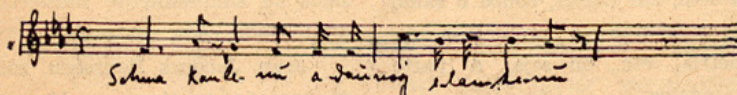
ANO IV • SÃO PAULO — OUTUBRO — 1941 • NÚM. 38

Melodias nas grandes festas

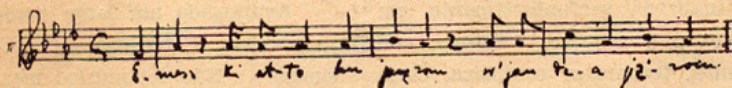
EUGEN TRANSKY

E novamente se aproximam as grandes festas... No coração de cada israelita, por pouco que trate de assuntos religiosos, manifesta-se um sentimento de responsabilidade, uma leve sensação de advertência da culpabilidade perante Deus. Pois, qual de nós estará completamente isento de culpa? Em que outra religião celebrar-se-á a festa do ano novo com aquela seriedade profunda, com o conceito desses dias serem realmente dias de juizo? Sabemos e sentimos que pertencemos uns aos outros não somente no tempo, mas tambem fora dele e, na época atual, mais que nunca. E sentimos o "Jaum hadin" tanto quanto o "Jaum hasikoraun". Não é o Deus da vingança mas o Deus do Amor, o nosso amparo! Foi para Ele que oraram os nossos pais, é para Ele que tambem as nossas vozes se levantam. Aí ela resôa novamente, a melodia familiar e, com ela, alguma coisa latente na alma israelita apenas. — É mesmo verdade que já passou um ano? Um ano longo e triste? Novamente suplicamos para o nosso Deus que nos seja amparo e defesa contra todo o mal que venha arrojar-se contra nós.

I

Quão suaves são os sons dessas melodias, sejam elas realçadas pelo órgão ou apenas cantadas por vozes humanas. Com o "Jigdal" termina, depois, a solenidade, plena de devoção. Nos lares israelitas reina uma disposição solêne de ânimos, como nas tardes das sextas-feiras, e, em cordialidade, uns desejam aos outros um l' schomo tauwoh".

No dia do ano novo é que se escreve e no dia da reconciliação se confirma, quem deve viver e quem deve morrer. Nada de longas considerações cansativas, mas cada frase cheia de vigor:

II

Dias sagrados, na casa de Deus... Sómente nestes dias é que nós nos ajoelhamos, que nos curvamos diante do Todo-Poderoso, do Rei de todos os Reis. Nesses dias sagrados tornamos para casa confortados e de alma erguida, após havermos repetido: "Fortalece-nos hoje, oh Senhor, abençôa-nos e escreve o nosso nome no livro da vida!"

Si a festa do ano novo foi a introdução, com a velha e conhecida melodia do "Kolnidre" começa o auge das festas israelitas. E tudo aquilo que houver oprimido um coração israelita no correr do ano, acha expressão no brado "Schmah kauleno..."

III

Na época atual, temos muito que suplicar ao nosso Deus, e na esperança de que a nossa oração não expire sem ser ouvida, preparemo-nos em reverente devoção para as festas.

Os Filósofos e a Música

PROF. GUILHERME LEANZA

Especial para a "RESENHA MUSICAL"

Os grandes pensadores da antiguidade, contrariamente ao que, em geral, acontece hoje, não desdenharam de cuidar da arte dos sons, quer especulativa quer praticamente.

Entre os assírios, babilônios, gregos, hebreus e egípcios, estava a música intimamente incorporada a todos os atos da vida social cotidiana, e era objeto das cogitações dos sábios.

Na antiga Hélade, o vocábulo **música** designava a **arte-das-musas** (as musas eram nove), isto é, conglomerado das artes fonéticas mais a dansa e a astronomia.

Longe iríamos se quizessemos citar as grandes celebrações da antiguidade clássica e oriental que praticaram a música ou especularam sôbre ela; **verbi gratia**: Terpandro, Pitágoras, Platão, Aristóteles, Aristoxeno, Euclides, Quintiliano, Plutarco, Tolomeu, Boécio...

A medida que a música foi se tornando independente (isto é, desligando-se da poesia e da dansa), e se bifurcando em dois ramos distintos (antes confundidos): **ciência** e **arte**, para tornar-se precípuamente arte, — passou a ser apanágio de músicos especializados.

Aos matemáticos, aos físicos, coube o ramo ciência, com seus complexos problemas de acústica, sonometria, etc., ou seja, a parte **quantitativa** da música.

O conceito de filosofia mudara, com o correr dos tempos. Deixara esta de ser o **conjunto dos conhecimentos científicos**, para tornar-se a **ciência das primeiras causas e dos últimos fins.** Abandonando o estudo particularizado das artes (e das ciências), e portanto da música, entregaram-se os filósofos à exploração do vasto campo da **estética**, onde é a música visualizada perfuntoriamente, em conjunto com as outras artes. Acresce que a música evoluira, tornara-se complexa, obrigando a estudos profundos e continuados a que, é claro, os filósofos não podiam entregar-se.

Aos musicólogos compete hoje o estudo **qualitativo** da música: — análise das obras musicais, fixação das tendências de um autor, grupo ou época, definição de escolas ou sistemas, orientação artística, história, etc.

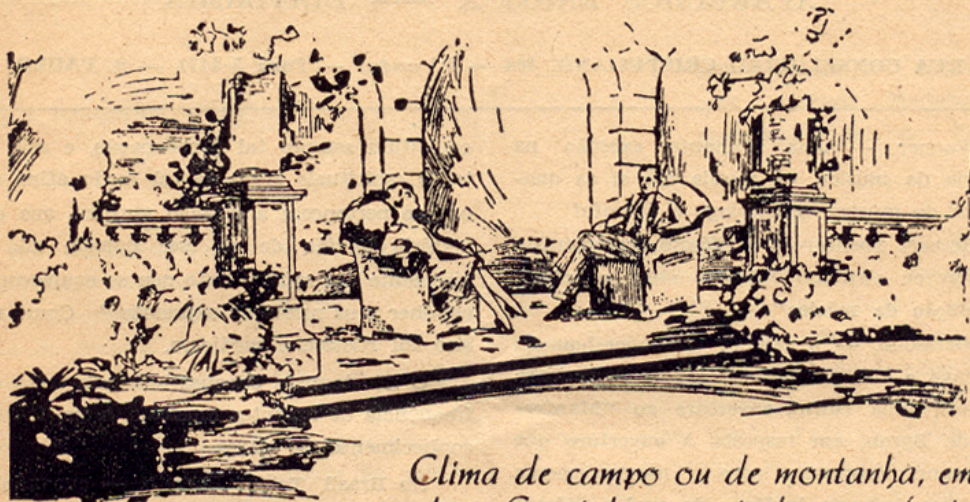
Note-se que a arte de Eutérpe, que os antigos helenos criam uma **emanação dos deuses**, com o andar dos séculos dessacralizou-se, a ponto de encararem-na como cousa frívola, simples embelezamento da vida.

No sistema educacional da Idade Média vamos encontrar o **quadrivium**, que compreendia a aritmética, geometria, música e astronomia. Pela colocação no **curriculum**, percebemos que a música era considerada numericamente, mais como ciência do que como arte. É do pré-medieval Santo Agostinho o famoso **"De Musica"**.

No fim do médio évo e durante a época renascentista é comum encontrarem-se grandes mentalidades de vasta cultura geral, que se dedicaram à música como **dilettanti**; ex.: o enciclopédico Leonardo da Vinci.

O número dos filósofos músicos, musicólogos ou simplesmente musicófilos foi, porém, diminuindo cada vez mais.

Jean Jacques Rousseau, sôbre ser filósofo de vocação, praticava assiduamente a música. Estava mesmo compenetrado de que lhe cumpria, no terreno da arte sonora, uma missão reformadora. O precursos da sociologia e renovador das idéias pedagógicas do tempo compôs a comédia musical **"Devin du village"**, a música ilustrativa para o seu melodrama **"Pygmalion"**, além de peças avulsas e escritos doutrinários.

Avançando um largo passo no tempo, topamos com Schopenhauer, o filósofo do pessimismo. Não foi músico mas escreveu muito sôbre a arte que definiu como — **a metafísica tornada sensivel.**

Wagner, — uma brilhante exceção na história da música, — reunia em si as qualidades de músico, musicólogo e filósofo!

Herbert Spencer — o filósofo evolucionista — escreveu alentado **"Ensaio sôbre a origem e evolução da música"**.

Nietzsche, — o criador do **super-homem**, — aliava a arte de filosofar à arte de compôr. Escreveu uma **contra-ouverture** ao "Manfredo" de Byron, em resposta à **ouverture** que Schumann compuzera para o mesmo poema dramático do poeta inglês, e da qual o filósofo não gostara! Dessa peça disse Hans von Bülow (o próprio Nietzsche o confessa) "que nunca vira cousa semelhante em papel de música, parecendo aquilo, a seu juizo, uma violação de Euterpe". Pouco antes de elaborar o **"Assim falou Zaratustra"**, fez um **"Hino à vida"**, para côro mixto e orquestra (texto de Lou von Salomé), cuja partitura foi editada em Leipzig. — "Um dia deverão contá-lo em minha memória — diz o filósofo no seu extranho livro **"Ecce-homo"**.

Diz o musicólogo espanhol Adolfo Salazar: "... em Nietzsche o assunto musical constituiu sempre tal preocupação, e seu métodos espirituais eram de tal modo afins com os que pertencem à criação musical, que cabe a séria dúvida de se êsse homem não foi realmente um músico nato que se equivocou ao escolher seus meios de expressão." Como músico foi Nietzsche mediocre.

O néo-tomista Jacques Maritain trata com frequência de assuntos musicais, o que faz com conhecimento de causa.

No Brasil, Tobias Barreto, — que não foi a rigor um filósofo, — tocava diversos instrumentos e compunha pecinhas amenas.

Farias de Brito, — o único filósofo de verdade que tivemos — comprazia-se em ouvir cantar e tocar piano nos serões do seu lar. Escreveu estiradas páginas filosóficas acêrca da música, que considerava "a mais bela e a mais nobre das artes".

Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima), o divulgador de Maritain no Brasil, divagou sôbre a arte dos sons na 1.ª e 2.ª séries dos seus **"Estudos"**. Interessante é o ensaio **"A música em Stendhal e Proust"**.

De alguns músicos do vale do Paraíba

Manuel Martins Ferreira de Andrade

DR. CARLOS DA SILVEIRA
(Do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo).

Para a RESENHA MUSICAL

Em trabalhos publicados aquí em São Paulo, na "Revista do Arquivo Municipal", tenho procurado salientar o quanto a inauguração da ferrovia entre São Paulo e Rio de Janeiro concorreu para a ruina de Silveiras, como centro urbano. A decadência rural do município prende-se a outras causas: impropriedade da terra para a lavoura de café e, daí, seu esgotamento rápido; e campanha abolicionista, culminando no 13 de Maio de 1888.

Entreposto excelente, desde o início da feitura do "Caminho Novo, da Freguezia da Piedade para o Rio de Janeiro", isto em fins do século dezoito, era o Bairro dos Silveiras, ao começo; elevado em 1830 a freguezia; vila dos Silveiras, com câmara instalada a seis de Janeiro de 1845; e, finalmente, cidade de Silveiras, em 1864.

Ranchos e pastos suburbanos, para inúmeras tropas que diariamente atravessavam o local, de Norte a Sul, de Leste a Oeste, e vice-versa; hospedarias e hoteis para caminheiros, turistas e comerciantes; boas casas de negócio; seleiros, trançadores, ferradores, toda uma indústria anexa ao transporte de cargas em lombo de burro: tudo isso dava vitalidade a Silveiras, como centro urbano, e tudo isso desapareceu da noite para o dia, ao serem inaugurados os serviços ferroviários da Estrada de Ferro Dom Pedro II, mais tarde Central do Brasil (Ramal de São Paulo).

Os intelectuais tambem não eram poucos, na cidadezinha do Vale do Paraíba e, entre êles, avulta o nome consagrado de Vicente Felix de Castro, de quem tratei, igualmente, na supradita "Revista do Arquivo", e cujas obras constam do dicionário de Sacramento Blacke. Mas, dessas publicações tambem consta o nome da poetiza Maria do Carmo Sene, silveirense como Vicente Felix de Castro.

Irmão de Vicente Felix de Castro, o Padre Manuel Felix de Oliveira, batizado em 1804, ordenado em 1828, primeiro vigário (e por bastantes anos) de Silveiras, deve ter sido o autor, ou, se com dois dos seus irmãos, Francisco Felix de Castro e Candido Felix de Oliveira Castro (este avô materno de Humberto de Queiroz e de Amadeu de Queiroz, conhecidos intelectuais), o principal propugnador da construção do teatro de Silveiras, pequeno, modesto, mas eficientíssimo, e que, na decadência da terra, que tanto servira, teve a sua "madeira" vendida por D. Candida Pureza de Castro, viuva de Candido Felix, filha de Francisco Felix, pela irrisória quantia de cem mil réis...

Mudado de Silveiras para Ubatuba, logo depois da revolução liberal de 1842, o Padre Manuel Felix de Oliveira, em companhia do Major João Gonçalves Pereira e de outras pessoas, alí fundou um teatro e uma casa de misericórdia. Gostava de teatro, o Padre Manoel Felix de Oliveira.

Ora Silveiras, centro urbano movimentado e endinheirado, inteligente, progressista, com uma casa teatral adequada, tinha os elementos para ser o meio propício, onde muitos artistas se criaram e desenvolveram.

No teatro, companhias de fóra, ou grupos locais, enchiam o ano. Flávio Wandeck, sua esposa Filomena, seus filhos Eugenio Wandeck, Idtalina, Marocas e Nenê, todos artistas, permaneceram longo tempo em Silveiras. Tambem lá estiveram por largo espaço, integrando-se, até, na população local, os artistas Lopo Gil Ribeiro e sua mulher Olimpia Montani, e em Silveiras deve ter nascido a filha deles, Lucilia, batizada em Lorena, aos dois de Abril de 1882, sendo padrinhos o Major Braulio Moreira de Castro Lima e Nossa Senhorà Aparecida. Esta Lucilia, por seu casamento com o escritor teatral Alvaro Peres, ficou sendo a conhecida atriz Lucilia Peres, que nunca se esqueceu de Silveiras e da acolhida que lá lhes havia sido dispensada, a ela e aos pais. Retifico, aquí, os nomes que publiquei, desses artistas, na pág. 28 da "Revista do Arquivo", volume XVII.

Num meio assim adiantado, a música devia ter e de fato teve os seus cultores e, elemento indispensavel à cultura musical, os seus professores de música, mais ou menos hábeis, mais ou menos eficientes.

Não posso precisar a data em que apareceu em Silveiras o rezendense Manoel Martins Ferreira de Andrade, a quem, em surdina e na ausência, todos chamavam o "Macóta". Vivia, nos primeiros tempos, de solteiro, em companhia de sua velha mãe, mulher pobre e doente, a quem o filho tratava com carinhos especiais, que o redimem de muita falta.

Manoel Martins Ferreira de Andrade era bom músico, conhecia a arte que se propunha ensinar e, além disso, dava lições de piano. Não sei onde estudou, nem com que professor. Ignoro-lhe tambem os começos da vida, e acredito que cresceu na pobreza. Em 1878 estava alistado eleitor, em Silveiras, com a idade de 36 anos.

Aos três de abril de 1880 contraiu nupcias com a poetiza Maria do Carmo Sene, atrás referida, filha de Antonio Alves de Sene, agricultor, e de sua mulher Maria Teodora da Fonseca, neta paterna do Capitão Manoel Alves de Sene e de Rita Maria da Purificação Pimentel de Faria; e neta materna de Leonardo José da Fonseca e segunda mulher Maria Honoria de Jesus. Esta Maria Honoria provinha de velhas famílias de Taubaté e Pindamonhangaba, catalogadas na "Genealogia Paulistana", do Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme, nos títulos DIAS, PRADOS, ALVARENGAS e TOLEDOS PIZAS, como tudo melhor se verá na "Revista do Arquivo", volume sessenta e oito, página 128.

Maria do Carmo Sene, temperamento vibratil na inexperiência dos seus vinte anos, gostava de contrariar o marido e êle, que já era de natural arrebatado, ficava menos delicado, em relação a terceiros, o que trazia dissabores a muitos. Sôbre essa poetisa silveirense, o seu genro Jorge Pires de Godoi escreveu, no volume de 1918 do "Almanaque do Amparo", de que era redator-proprietário, umas interessantes linhas, que convem ler.

De Silveiras, a família se deslocou para Limeira e, depois, fixou-se em Amparo, onde

Dr. Eurico Nogueira França

É nosso correspondente na Capital da República, o ilustre crítico musical Sr. Dr. Eurico Nogueira França, residente à Rua Carvalho Monteiro, 44, para onde deverão ser enviados comunicados e convites.

O
BRINDE
está na
Qualidade
Café
PALMEIRAS
EXTRA
FINO
CAFÉ PALMEIRAS
EXTRA FINO

parece que demorou. Sei que Maria do Carmo Sene faleceu no Espírito Santo do Pinhal, em 1915, e Manoel Martins Ferreira de Andrade, em São João da Boa Vista.

Andaram peregrinando, em busca de situação mais folgada, vendo os anos que avançavam sem remédio e, assim, sem justa retribuição dos seus méritos, morreram pobres e ignorados. Nasceram para a arte e para a arte viveram.

Lamento não poder enumerar os muitos discípulos que teve Manuel Martins Ferreira de Andrade, que gozava de boa reputação como professor de música. Não tenho elementos seguros para referir aquí os nomes de todos quantos andaram na aula do "Macóta". — Deviam ser muitos, pois que o mestre possuia dotes de artista e de professor. Tais dotes explicam a longa permanência em Silveiras, em período já de recursos que minguavam à vista dos menos observadores.

Joaquim Canuto de Oliveira contou-me que Manuel Martins Ferreira de Andrade escreveu uma coletana de cantos, editada por casa de músicas do Rio de Janeiro. Nunca vi essa coletanea, mas deve ser trabalho de algum valor. E, no caso, o valor fica aumentado, visto como, não havendo outras obras do músico para estudo do que fez, a coletanea referida torna-se o único documento pelo qual se poderá conhecer a capacidade artística e a inspiração do conhecido professor silveirense (rezendense de nascimento).

Manuel Martins Ferreira de Andrade vivia de música, o que quer dizer que vivia modestamente, talvez muito modestamente mesmo. Os que o conheceram bem de perto, isto é, os adultos da geração de 1875 e 1885, vão rareando e não é com facilidade que se descobre testemunha fidedigna, que deponha sôbre o artista, além do que já escreví, quasi tudo ouvido em conversas com minha mãe, D. Inês de Castro Sene da Silveira (1849-1936), a qual, além de conhecer muito de perto o músico de que trato, ainda vinha a ser prima (colateral, em quarto grau, por Direito Civil) da poetisa Maria do Carmo Sene, esposa do "Macóta"; possuia memória ótima e gostava de relembrar coisas do passado silveirense, ela que, filha de Silveiras, tinha vivido esse passado radioso, que, parece nunca mais voltará...

CONCERTOS

Prof. Clovis de Oliveira

BAILADOS

O Departamento Municipal de Cultura proporcionou ao público paulistano amante da arte, alguns saráus coreográficos apresentando os alunos do curso de baile clássico, do Teatro Municipal, sob a orientação do grande bailarino Vaslav Veltchek.

A dança que é uma das manifestações mais finas da arte, teve nesses três saráus, a consagração que ela merece quando praticada sob um crítico elevadamente artístico.

Vaslav Veltchek é o grande mestre que pessoalmente vem emprestando com a sua cultura artística, relevante progresso no campo coreográfico da nossa Capital, trabalho sem precedente na história da arte citadina. Sendo êle o mais notavel de quantos tentaram produzir algo nesse mister, era mesmo de se esperar esse resultado, esse fruto excelente do seu labor, de sua técnica, de seus conhecimentos.

A cooperação do grupo infantil, deu uma nota colorida e gracil aos espetáculos. O público ovacionou-o com verdadeiro entusiasmo, ovacionando, tambem, efusivamente todos os participantes, em particular o prof. Veltchek, e o regente, prof. Armando Bellardi.

MAGDA TAGLIAFERRO
ALBERTO WOLFF

O Departamento Municipal de Cultura teve a feliz lembrança de permitir ao nosso meio musical a oportunidade de ouvir o grande regente Alberto Wolff, na direção de um concerto sinfônico que, para maior brilho, teve a colaboração da eminente pianista Magda Tagliaferro.

Esse concerto que realizou-se em setembro, reuniu, pois, dois nomes verdadeiramente notaveis da arte musical contemporanea. Se Alberto Wolff é um dos grandes regentes da atualidade, Magda Tagliaferro — para orgulho nosso — é uma das maiores pianistas do mundo. É considerada, com justiça, como uma das mais completas intérpretes dos compositores modernos.

Dilatarmos nossas opiniões sobre o valor de Wolff ou Magda Tagliaferro, é bater na mesma tecla emitindo o mesmo elo-

gio que a unanimidade da crítica internacional já enalteceu eloquentemente.

Se não fosse a tal temporada lírica — sempre oficial e sempre esboroada — talvez, não tivéssemos Alberto Wolff na regência de um concerto sinfônico em nosso principal teatro. Repetiu-se, mais uma vez, o velho ditado: "Há males que vêm para bem".

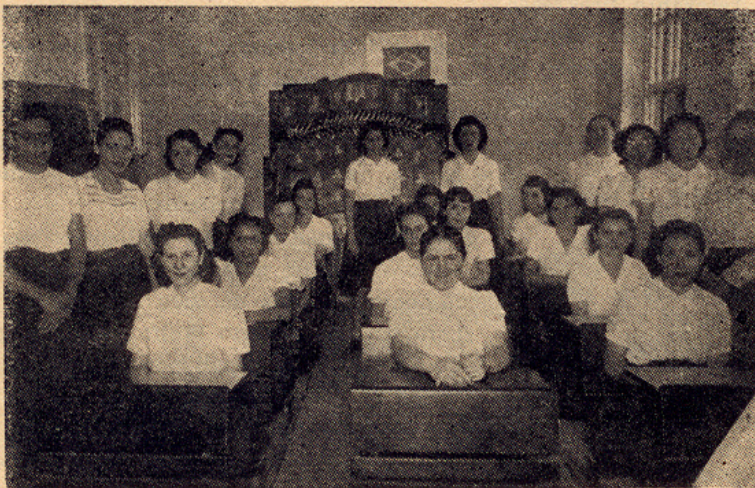
HEITOR ALIMONDA

Interessante que foi a 14 de outubro, no salão do Conservatório, em que realizou seu magnífico recital de piano, que ouví pela primeira vez o jovem e talentoso pianista Heitor Alimonda. Interessante porque antes não me fôra possivel pela falta de oportunidade, e, esta nem sempre aparece, principalmente tratando-se de um juvenil pianista que inicia a sua carreira de concertista.

Apreciamos devidamente as suas qualidades pianísticas e artísticas, que revelam a composição de um futuroso intérprete, cujas primeiras manifestações são indícios seguros de uma brilhante carreira de pianista. Qualidades essas patenteadas pelo modo com que nos apresentou aquelas pianísticas e curiosas obras de A. Cantú, denominadas Zafan e Cantiga Sertaneja, o Polichinelo, de Vila Lobos, e, ainda,, com absoluta feição artística a Balada em lá bemol de Chopin.

Muitos extras foram incorporados ao programa, a pedido da seleta assistência.

SÍLVIA DE LIMA BARROS NA PRÓ ARTE

A 14 de outubro, no Trocadero, cantou para os socios da Pró Arte, a ilustre artista Sílvia de Lima Ramos, que teve

ao piano a excelência dos acompanhamentos de Maria Amélia de Rezende Martins.

Sílvia Ramos evidenciou voz cristalina, de timbre suave e interpretação singela.

Maria Amélia de Rezende Martins — justo que digamos — é o espírito admiravel e culto animador da Pró Arte, emprestando sempre às suas realizações, o brilho de sua valiosa cooperação artística, ora integrando um conjunto de camera ora atuando como solista, ora coadjuvando como acompanhadora.

CONCERTO SINFÔNICO

Regente: Souza Lima

Solista: Bernette Epstein

Na tarde de 4 de outubro, no Municipal, realizou-se sob a regência do maestro Souza Lima, mais um concerto sinfônico promovido pelo Departamento Municipal de Cultura, ao qual prestou seu valioso concurso a pianista Bernette Epstein, que atuou como solista nos Concertos em mi menor, de Chopin, e no 3.º de Rachmaminoff.

Souza Lima reapareceu ao nosso público depois de alguma ausência, durante a qual realizou como "virtuose" do piano, diversos recitais para as "Ondas Musicais", magnífico programa do "broadcasting" carioca. Souza Lima é um pianista extraordinário e como regente vem se firmando cada vez mais dirigindo sempre com muita competência e conhecimentos técnicos.

CONFERÊNCIAS SOBRE BEETHOVEN

As três conferências sobre "Beethoven, sua personalidade e sua obra", que a Sociedade Filarmônica promoveu, obtiveram ampla repercussão no meio artístico paulistano. O maestro Ernesto Melich, grande conhecedor da obra do mestre de Bon, discorreu agradavelmente estudando a vida e a obra do imortal compositor. Prestaram seu concurso nessas realizações brilhantes artistas de São Paulo.

Entre as peças executadas, figurou o "Setiminio", obra considerada até hoje como uma das mais belas páginas de Beethoven.

SOCIEDADE BACH

A Sociedade Bach, no afan de divulgar a música de J. S. Bach, realizou a 16 de outubro, no Clube Piratininga, mais um dos seus bem organizados saráus. Participaram do mesmo, os artistas, Stelinha Epstein, Tatiana Braunwiser, Lia Fuldauer e o Coral da Sociedade.

O programa agradou tanto pela organização como pela execução.

RICARDO ODNOPOSOFF E SOUZA LIMA

Esses dois grandes artistas, comungando seus sentimentos musicais em Beethoven, iniciaram a 24 de outubro uma importantíssima série de concertos, nos quais executarão as magníficas Sonatas para violino e piano, desse imortal compositor.

Devemos a realização desses saráus, à benemerência da Sociedade Cultura Artística cuja atividade no campo musical e artístico desta Capital é como que um

oasis a distribuir cristalina agua aos que longe dele, sequiosos, bebiam areia. Sim, porque a atividade da Cultura caracteriza-se pela qualidade superior de suas manifestações de arte como aquela agua esplêndida do oasis em vez da areia áspera do deserto...

Ricardo Odnopossoff é um notavel artista, possuindo dentre outras qualidades, uma técnica verdadeiramente miraculosa. Dono absoluto dessa técnica que o notabiliza, Ricardo Odnoposoff dela não abusa em malabarismos estranhos e fúteis, utiliza-a como veículo para expandir sua real musicalidade. E feliz por ter encontrado em Souza Lima um outro artista de superior quilate, Ricardo Odnoposoff pôde realizar execuções admiravelmente belas.

O nosso grande "virtuose" Souza Lima, portou-se com a sua costumeira eloquência pianística, executando sempre com elevada finura a parte que lhe coube na efetivação das obras que integravam o programa.

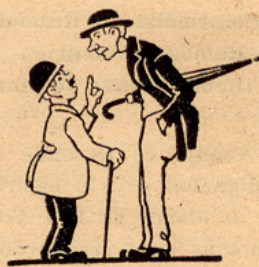
POLDI MILDNER

O concerto realizado por essa vivaz pianista, constituiu um fato artístico de notavel relavancia em nossa vida musical. Promovido pela Pró Arte, esse saráu que realizou no Teatro Municipal no dia 27 de outubro reuniu numerosa assistência.

Poldi Mildner comprovou sua técnica exuberante, dotada de um brilho extremo, trabalhada finamente por um espírito clarividente e musical.

Seu temperamento musicalmente arrebatador, deu margem a que a sua musicalidade se distinguisse por uma faceta de modernismo que em nada prejudicou as obras do romantismo.

Poldi Mildner pode ser considerada como uma das mais admiraveis pianistas que tem se feito ouvir em São Paulo.

Concerto marcado: — Segundo Festival de Música Sacra, — a 9 de novembro.

— Grande novidade! A Genoveva vai dar um concerto de caridade!

— Muito bem! Sendo êsse o fim, todos irão lá dispostos a sofrer.

***

Depois de um dia de calor sufocante, vários amigos de Rossini, ao anoitecer, foram visitá-lo. Todos a "una voce", se queixavam de calor excessivo, e um pianista declarou que lhe era absolutamente impossivel, desde muitos dias, tocar seu instrumento.

— É preciso, querido — disse-lhe então Rossini — que arranques de teu piano todas as teclas de "sol"; assim, para ti, não haverá mais... sol nem calor.

***

O grande pianista e compositor Rubinstein, falecido na Rússia e cujos funerais foram celebrados a expensas do Estado soviético, encontrando-se de uma feita em Londres, no "hall" do teatro onde realizaria um concerto, foi procurado por certa senhora que lhe pediu uma entrada de favor.

— Não tenho, neste teatro, senão um lugar à minha disposição — respondeu Rubinstein. Se quizer ocupá-lo...

— Fico-lhe muito agradecida — apressou-se em dizer a importuna dama. — E êsse lugar, maestro, onde fica?

— Em frente ao piano, respondeu Rubinstein.

O SALÃO DE ARTE NA FEIRA DAS INDÚSTRIAS

Trata-se de uma das mais interessantes exposições coletivas destes últimos anos, por ser uma síntese bastante expressiva de alguns movimentos que, com nomes e atitudes diferentes, foram surgindo em São Paulo.

Há, neste Salão, artistas do Salão de Maio, elementos da Família Artística e pintores que figuram regularmente nas exposições anuais do Sindicato. O Salão de Arte da Feira, portanto, não obedece a uma determinada tendência, evitando assim todos os inconvenientes relativos. Além disso, a possibilidade de uma seleção apurada contribue para o equilíbrio de conjunto. Por razões independentes da vontade dos esforçados organizadores, faltam alguns grandes nomes das artes plásticas paulistas, e ao lado de ótimas telas assinadas por artistas consagrados há nomes de algumas recentes "descobertas" assinando telas desinteressantes.

O público é um critico impiedoso que não se satisfaz apenas com "intenções". — Pode ler com interesse uma crônica de arte bem feitinha, mas quando se acha diante de um quadro quer julgar quasi sempre com a sua própria cabeça. E o diabo é que muitas vezes, com seu bom senso inato, acaba pondo por águas abaixo muita literatura...

Entre tantas telas filiadas a várias "escolas" ou "tendências", além da ótima paisagem de Quirino da Silva, o que nos impressionou mais foi o retrato de Mário de Andrade, pintado por Flávio de Carvalho. O chamado "expressionismo" conseguiu convencer, desta vez, pela segurança e pela audácia com que Flávio de Carvalho jogou suas tintas na tela. É "arte", indubitavelmente, uma arte que nada tem de "belo" nas suas formas exteriores, mas que não deixa, por isso, de entusiasmar àqueles que sabem "ver" pintura com certa independência. Cesar Lacana, um artista retraido e modesto, apresenta uma pequena paisagem que é uma pequena maravilha de sensibilidade. Di Cavalcanti, Odete de Freitas, Noemia Mourão, Mussia Pinto Alves e Nelson Nóbrega assinam telas muito interessantes. O escultor Bruno Giorgi já alcançou entre nós, em pouco tempo, larga e merecida fama que a "Montanha" e o "Retrato" confirmam plenamente.

ORLANDO TERUZ

O pintor Orlando Teruz, que dependurou suas telas na Galeria superior de "Casa e Jardim", expondo pela primeira vez em São Paulo, é um artista geralmente incluido entre os chamados "modernos". E seja.

Mas Teruz tem sobre a maioria dos outros "modernos" uma vantagem das mais sensíveis: a de estudar com amor e com inteligência os grandes pintores da Renascença Italiana e os grandes Flamengos, procurando harmonizar suas composições e suas cores com

obras reconhecidamente imortais, em vez de se deixar levar pelas extravagâncias ou pelas deformações mais ou menos intencionais de alguns grandes nomes da pintura moderna internacional que estão no cartaz... por enquanto.

Com esta orientação sadia e independente, o simpático artista pode demonstrar inteiras suas grandes qualidades de composição e de técnica, integrando com rara felicidade o assunto nacional na estilização da tela. Veja-se a sua "baiana", tão diferente das tão batidas "baianas", sem deixar de ser, por isso, uma "baiana" autêntica. Os casebres, as roupas penduradas, as figurinhas anónimas e as crianças brincando perdem qualquer expressão realista para ser apenas um elemento de grande e sincera poesia. Poeta é o pintor da "deposição", e duas vezes poeta o pintor daquele admiravel menino mamando.

Somos dos que emprestamos à crônica de arte um sentido construtivo, evitando de participar aos leitores o resultado de pesquizas analíticas por demais pessoais, porque isso, além de interessar muito particularmente... a quasi ninguem, não ajuda a valorização dos artistas perante o grande público. Já que, por razões obvias, parece não ser possivel estabelecer por via direta uma clasificação de artistas verdadeiros não venham a sofrer de uma super-crítica, porque, caso contrário, haverá sempre quem estabeleça um paralelo entre o artista que foi "criticado" e o fabricante de quadros que, por ter "escapado", poderá até convencer algum desprevenido de que ele... é melhor. Já que não foi criticado...

Teruz é ainda quasi que desconhecido para os nossos amadores, pois não lembramos tenha participado de qualquer salão coletivo em São Paulo. Sua exposição individual na "Casa e Jardim", pela técnica diferente, por uma certa uniformidade de colorido e pela ausência completa das tais "pinceladas" tão ao gosto de certo público, poderá desconcertar um pouco, mas apenas num primeiro momento, porque ninguem poderá deixar de reconhecer que suas telas, entre a confusão criada no público pelos tantos "ismos", representam uma palavra serena em pról de uma pintura forte e sadia, digna de um grande povo.

S Carlos Borromeu — quadro venerado no Seminário de Sorocaba, de autoria do rev. fr. Paulo Maria, capuchinho.

Falecimentos

VICENTE LEITE

Num quarto particular da Beneficência Portuguesa faleceu a 15 de outubro, o jovem e laureado pintor Vicente Leite, uma das organizações mais brilhantes de paisagistas que

Exma. Sra. Rachel Simonsen — que em companhia de outras damas da alta sociedade paulistana, foi patrocinadora do importante certamen de arte promovido pela Federação das Indústrias de São Paulo.

possuiamos e que se notabilizara tanto pela inteligência como pela expressão brasileiríssima da sua pintura cheia de exuberância e de poesia.

Vicente Leite nasceu a 6 de agosto de 1900 no Ceará. Vindo para o Rio cursou a Escola

VICENTE LEITE

de Belas Artes, como aluno livre, sendo discípulo de Batista da Costa, Lucílio de Albuquerque e Rodolfo Chamberland. Começou de expor no Salão Oficial, obtendo menção honrosa (1924), medalha de bronze (1926), medalha de prata (1929), prêmio de viagem à Europa (1940), pelo Brasil (1935) e prêmio "Ilustração Brasileira".

No salão deste ano, sendo membro do juri de pintura, expôs "O Ribeirão" (Campo Belo), "Minhas árvores" (Penha-Rio) e paisagem de Campo Belo" (Est. do Rio).

Foi diretor da Sociedade Brasileira de Belas Artes, e era de grande operosidade, tendo feito numerosas exposições individuais.

Com a morte do laureado artista cearense, perde a pintura nacional um dos seus mais expressivos valores.

D. NICOLINA VAZ DE ASSIS

Faleceu a 20 de outubro, na Capital da República, a escultora brasileira D. Nicolina Vaz de Assis.

Nasceu em Campinas, ingressou na Escola Nacional de Belas Artes, tendo feito um curso dos mais brilhantes, sob a direção do mestre Rodolfo Bernardelli.

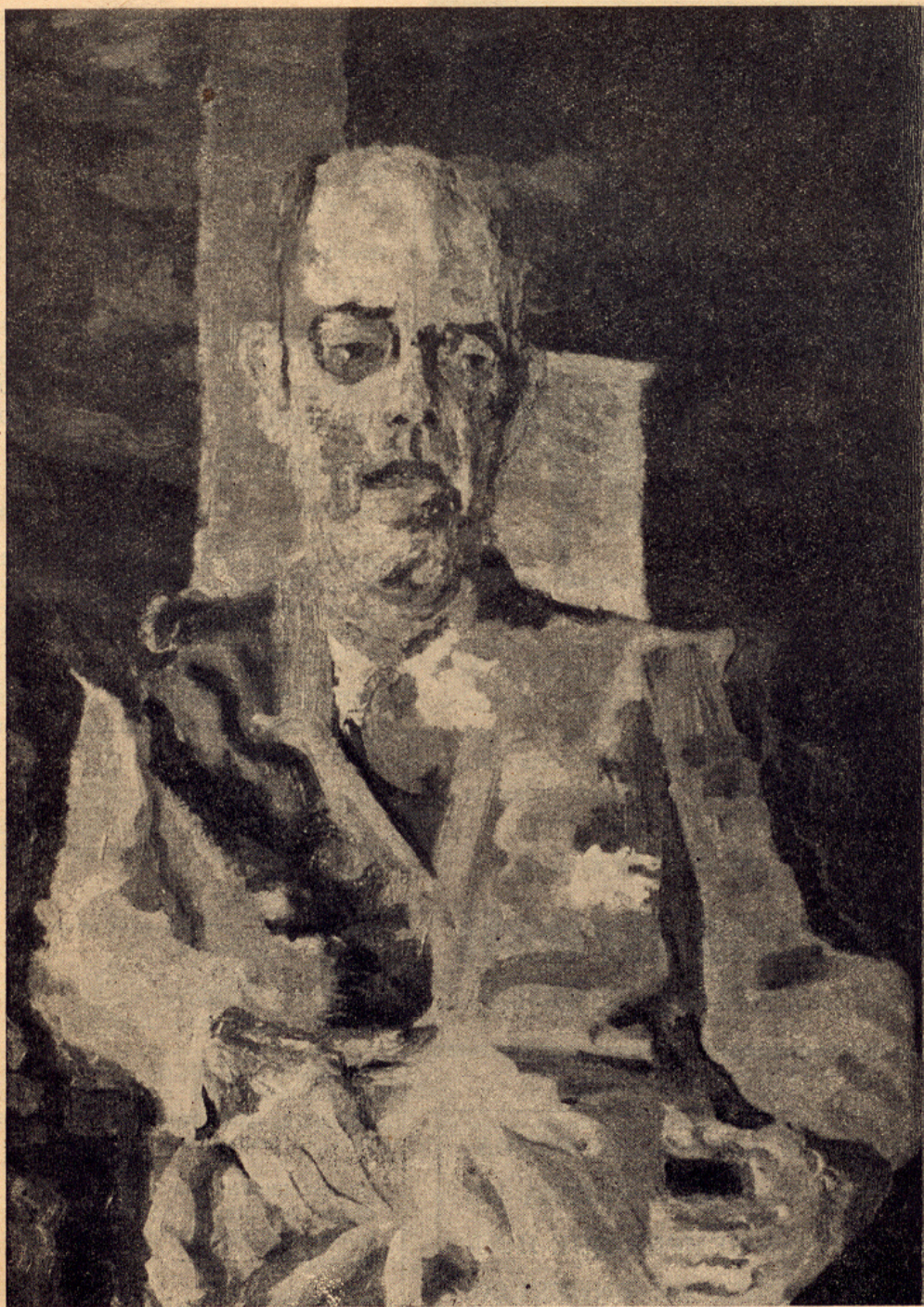
Foi aluna de Desenho do saudoso professor Rodolfo Amoedo e de Anatomia do professor Márcio Neri e em 1897 obteve o pensionato artístico do Governo de São Paulo, a-fim-de ir aferfeiçoar seus estudos de escultura na Europa, para onde seguiu em companhia de seus progenitores.

Em 1901, Nicolina Vaz de Assis conquistou a medalha de honra do Salão Nacional de Belas Artes.

Voltando à Europa em 1904, já então casada com o Dr. Benigno de Assis, Nicolina lá frequentou os cursos dos grandes mestres Falquieres, Puech, Mercier e Sueve ,tendo naquele mesmo ano exposto um trabalho seu na capital francesa. Enviuvando em 1908 casou-se com o escultor português Pinto do Couto que longamente residiu em São Paulo e hoje se acha em Portugal.

A talentosa artista patrícia deixa numerosas obras que obtiveram elogios da crítica, entre as quais: "Oração", "Tia Bastiana", "Meditação", "A Serpente", esta colocada na Quinta da Boa Vista, no Rio; a fonte da Praça Julio de Mesquita, em São Paulo; bustos de oito presidentes do Brasil e do Estado do Rio Branco e do milionário norte-americano Rockfeller.

Nicolina Vaz de Assis morre em avançada idade, tendo o seu corpo sido inhumado no Cemitério de São Francisco Xavier, na Capital da República.

"RESENHA MUSICAL" PÓDE SER LIDA NAS PRINCIPAIS BIBLIOTÉCAS, NAS PRINCIPAIS ESCOLAS DE ARTE, NOS GRANDES HOTEIS E NOS GRANDES CLUBES DO PAÍZ.

Mário de Andrade — notavel quadro de Flávio de Carvalho.

PEDIMOS AOS NOSSOS PREZADOS ASSINANTES A FINEZA DE NOS AVISAR SEMPRE QUE HOUVER MUDANÇA DE ENDEREÇO, EVITANDO EXTRAVIOS NA REMÉSSA DA NOSSA REVISTA.

Aos Leitores

RESENHA MUSICAL é a revista musical de maior divulgação no Brasil e no exterior.

Registrada de acôrdo com a lei e no D.I.P.

Uma assinatura anual de RESENHA MUSICAL custa apenas .... 20$000
Número avulso .... 3$000
Suplemento avulso ...... 3$000

Fundada em Setembro de 1938.

RESENHA MUSICAL não publicará notícias de concertos, audições ou de festivais artísticos, quando não receber dos promotores ou interessados, convite ou comunicado, dirigido diretamente à Redação ou por intermédio de seus correspondentes.

RESENHA MUSICAL não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nas crônicas assinadas.

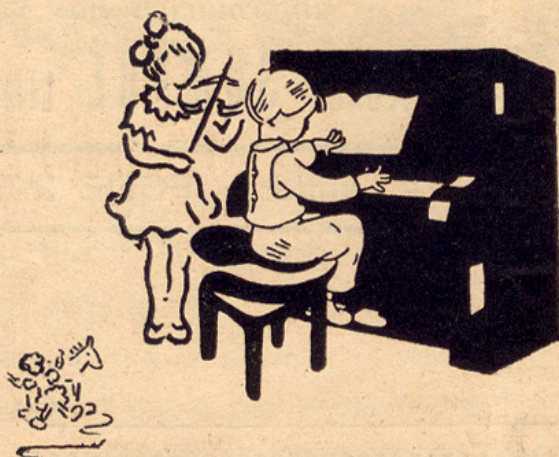
Colaboração nacional e estrangeira, escolhida e solicitada.

RESENHA MUSICAL não devolve originais. Suplemento Musical, especial

RESENHA MUSICAL não fornecerá gratuitamente aos assinantes, números atrazados, extraviados ou anteriores à data da assinatura.

Correspondentes em quasi todas as cidades do Brasil. Aceitamos representantes em qualquer cidade do país ou estrangeiro.

ANUNCIOS: FONE 5-4630.

Redação: Rua Cons.º Crispiniano, 79, 8.º andar — S. PAULO.

Microfone

Genésio Pereira Filho

OS NOSSOS AUTORES

IV (conclusão)

E, por falar em samba-canção: "... que já não é música popular. Ele sofreu a estilisação dos **studios.** Tem resquícios de pistons e de saxofones, efeitos de bateria. É bem educado, como um negro de **jazz.** É o samba encasacado de Arí Barroso e Zéquinha de Abreu... Samba-recordação, lembrando concursos oficiais." (1)

Citei algumas boas letras de autores brasileiros. Há-as muito mais. O leitor as encontrará facilmente nos folhetos em que são publicadas.

Não menos facil será encontrar as más, péssimas letras que pululam por aí. Já o samba é triste. As companhias gravadoras devem escolher melhor as letras para músicas que serão postas em disco. "Segura o Tigre", "Passo de Kangurú", "Guiomar vem cá",

NHÔ TOTICO

"Madalena chorou", e milhares de letras são a mesma inutilidade, a mesma coisa horrivel.

As piores letras são as carnavalescas. — Parece que o nosso autor — com raras excepções — nessa época do ano — a do carnaval — perde o seu últmio capricho (si se pode dizer que o tem) e ecsreve um amontoado de palavras ôcas, soltas, verdadeiramente disparatadas. — Muitas taras sexuais, muito recalque, vêm à tona...

Mas... "Já com os cantos folclóricos ocorre o inverso. A duração deles é, pode-se dizer, eterna. Vivem centenas de anos na memória do povo, passando de uma geração a outra oralmente. Além disso os cantos do nosso folclore têm uma vivacidade idiomática, uma poesia, um encanto, que não encontramos no Cancioneiro do Carnaval brasileiro. Têm tambem, um fundo moral, quando nos sambas, nas marchinhas, nos batuques, etc., a gente nota sempre uma constante: a do sexo, ou do amor, para usar de um subterfúgio. Poucos escapam dessa nota amorosa.

Êste ano os sambas não fogem à regra dos anos anteriores. Não obstante, um ou outro acontecimento social é por êles salientado, dentre os que tiveram repercussão em 1940. Os filmes cinematográficos, por sua vez, igualmente, contribuem para o tema de uns três ou quatro sambas. No mais o assunto é a mulata, a baiana, as noite de luar, o sofrimento dos corações que se amam em silêncio, o abandono de um amor velho por outro novo, mostrando uma das faces da volubilidade humana, etc. O recenseamento induziu alguns sambistas a aproveitarem semelhante assunto, que, na verdade, não é poético nem atraente. Em suma, as letras das canções são de uma total nulidade, insípidas quasi todas, beirando a pornografia algumas, banais, sem colorido, poesia ou beleza. Poucas passaveis." (2).

O autor, quasi sempre, dá um ponta-pé na gramática.

As casas gravadoras deveriam caprichar melhor na escolha dos acompanhamentos. É incrivel como colocam qualquer regional sem quaisquer méritos, verdadeiros destroços que assassinam a parte musical. Ou, se têm boa execução, são tão pequenos e mal formados que parecem conjuntos tisicos... Seu som parece vir de um mundo muito distante, tão sumido é. Esse mal existe muitíssimo nas emissoras, durante os programas da nossa música.

---

(1) "Demopsicologia do Samba", dr. Dalmo Belfort de Matos, RESENHA MUSICAL, nos. 14-15-16.

(2) "Cancioneiro Carnavalesco", Ciro T. de Padua, "O Estado de S. Paulo", 16-2-41.

A VOZ DO BRASIL

● Continua a calamidade dos anuncios gravados, em que não se sabe o que censurar: se o incrivel do palavreado ou se a estupidez do modo porque é dito êsse mesmo palavreado. Uns anuncios são verdadeiramente cômicos, outros estúpidos e muito irritantes. Contam-se a dedo os que se salvam.

● É por demais gritante a falta de bons programas sertanejos nas emissoras paulistanas. Em muitas não se sabe porque existem as programações sertanejas, ou seja, não se percebe porque motivo seus elementos consideram-se "artistas"... É muita coragem dos

"caipiras" e dos diretores artísticos que os suportam.

● Os paulistanos que não têm recursos para ir ao teatro, puderam ultimamente ouvir as óperas, levadas na última tempoarda lírica, graças à irradiação proporcionada por emissoras locais. O que disse na secção passada repito agora: — Porque não são irradiados todos os concertos do Departamento de Cultura? Viria essa realização de encontro ao desejo de um grande número de paulistanos, que ficam impedidos — por fatores vários — de comparecer ao teatro da Praça Ramos de Azevedo.

● Desde 13 de outubro que o pianista Arnaldo Rebelo realiza às segundas-feiras (às 10,30 horas) um recital no programa "Cartaz do Dia", da Rádio Cruzeiro do Sul, do Rio de Janeiro.

● RADIO IDEAL — Está apresentando aos leitores de RESENHA MUSICAL a Emissora-Ideal. Isto é, uma estação ideal será aquela que apresente tais e tais programas, selecionados entre todos das nossas emissoras. Ainda no presente número a relação sai incompleta. É claro. A escola é dificil e irá sendo completada aos poucos. Todos os gêneros de programas devem ter guarida na RADIO-IDEAL, desde a música popular até a fina. Peço o auxílio dos leitores de "Microfone", que poderão escrever-me, chamando minha atenção para os programas que acham deverem figurar aquí. Cada indicação corresponderá a um voto dado aos tais programas.

7,30 hs.: Programa Despertador" — locutor, Murilo Antunes Alves — PRA-5.

8,30 hs.: "Programa Paraventi" — locutor: Fauzi Carlos — PRB-6.

9,30 hs.: "Nov'arte" — PRG-9.

10 hs.: "Programa de Arte" — locutor: Rebêlo Junior — PRF-3.

10,45 hs.: "Cuba-mania" — PRE-7.

11 hs.: "Danubio Azul" — locutor André Vicente Garcia — PRE-7.

11,30 hs.: "Breve e Leve" — locutor Rebêlo Junior — PRF-3.

18 hs.: "Hora de Arte Universal" — locutor: Lourenço Amadeu — PRH-9.
18,45 hs.: "Artistas e Orquestras Célebres" — locutor: Aristides Cerqueira Leite Junior — PRA-5.
22,30 hs.: "Hora Doce" — locutor: Alvise Assumpção — PRE-4.
23,30 hs.: "Programa oferecido por Biotônico Fontoura" — PRE-4.

E o último programa musical da PRB-9 variado, excluindo os programas falados que são interpostos (fim às 24,30 horas).

Ésses programas, é claro, nem sempre podem ser aceitos sem quaisquer restrições. — Por exemplo: André Vicente Garcia repete demais o nome da firma (e o seu endereço) patrocinadora de "Danubio Azul", até mesmo duas ou três vezes no mesmo intervalo. E Lourenço Amadeu é um mau locutor.

FIQUE SABENDO...

...,— **(Artigo preparado pelo Departamento Técnico da BBC)**: — "As mudanças que diariamente ocorrem no estado da ionosfera tornam necessário o uso de frequências baixas durante a hora da obscuridade e de frequências altas durante o dia.

No verão a mudança entre o dia e a noite é muito menos pronunciada que de inverno e por consequência a diferença entre as frequências convenientes para a transmissão é menor. Todavia continua sendo indispensavel o emprego de frequências baixas durante a noite. A melhor recepção com frequência alta se obtem no verão, às últimas horas da tarde antes do cair do sol.

No inverno naturalmente sucede o contrário, há mudança maior entre o dia e a noite e a diferença entre as frequências convenientes para a transmissão aumenta; a melhor hora do dia para o emprego de frequências altas é o meio-dia.

Em resumo as frequências teem de baixar à medida que entra a noite, e subir quando o dia chega novamente. A mudança é mais acentuada no inverno.

Nota Social

Reunião íntima realizada na residência do distinto facultativo Dr. Orlando Caruso, por ocasião da passagem do aniversário de sua graciosa filhinha Abigail, que

durante a festa se fez ouvir em sólos de piano, demonstrando um progresso admiravel na dificil arte musical, da qual seus progenitores são entusiastas admiradores

assim como entusiastas amadores do bel canto.

Os clichés acima mostram-nos detalhes dessa delicada reunião.

Além dos fatores que citamos e que derivam da posição do sol com relação a um ponto da ionosfera, existe outro que é o resultado da variação da atividade solar. Os períodos de atividade máxima recorrem cada onze anos, com períodos de atividade mínima mais ou menos a meio caminho entre dois pontos máximos. A variação na atividade solar não segue uma curva absolutamente regular, mas se pode prognosticar com bastante precisão o que ela vai ser numa data determinada.

As manchas que aparecem na superfície do sol e o tamanho dos flocculi, ou vapores, à roda dele, mostram o grau da atividade solar.

O que nos interessa sobretudo é que a quantidade de radiação ionizante produzida pelo sol varia segundo seu grau de atividade; por consequência segue a mesma curva que a atividade solar e a quantidade das camadas da ionosfera cresce e decresce com o ciclo.

No ano de 1937 se alcançou um período de atividade solar máxima e desde então a ionização tem ido diminuindo. O período de atividade mínima deve ocorrer em 1945, e até essa data a ionização será cada vez menor".

("Boletim para o Brasil", da BBC, n.º 163).

MICROFONE aceita colaboração e sugestões dos leitores de RESÉNHA MUSICAL.

Convites, consultas ou qualquer comunicação para esta Seção, em nome do cronista, deve ser dirigidos a RESENHA MUSICAL.

Edições Musicais

SOUZA LIMA

"NORMAS PIANÍSTICAS"
de Waldemar de Almeida
Agência Potiguar Ltda. Ed.
Natal — R. G. do Norte

Com grande prazer, mixto de curiosidade, lí de um só folego, "Normas Pianísticas", de Waldemar de Almeida, ilustre pianista, compositor e pedagogo que tão idealisticamente dirige a vida musical de uma das mais belas capitais do Norte — Natal.

Waldemar de Almeida, com quem convivi por muito tempo na Europa é dessas raras naturezas na qual não se sabe o que mais admirar, si a cultura generalizada, a extrema sensibilidade, os dotes inegáveis de creador, a arte pianística ou o cavalheirismo de homem de perfeita educação. Suas "Normas pianísticas", além de trazerem para a quasi inexistente literatura brasileira do gênero seu "apport" valoroso, vem pingar pontos em ii, até agora deixados, por ignorância ou desleixo, acéfalos.

Logo às primeiras páginas, aborda, com opinião talvez um tanto sistemática, o problema do início dos estudos pianísticos. Parece-me que o contacto da criança com o piano nas primeiras aulas, não apresenta inconveniente, como acha o Prof. Waldemar de Almeida. Essa fase deve visar tão somente seduzir a criança para o prazer de "fazer música". É evidente que nesse caso o professor deverá obter uma execução exclusivamente prática, dependendo de sua habilidade, ministrar, em doses imperceptíveis e conforme se apresente oportunidade, o ensino teórico daquilo que já está sendo tocado. Encarado assim o problema, afigura-se-me de nenhum inconveniente iniciar-se o ensino da música associado ao do instrumento. Quantas vezes observamos nas crianças o desejo de baterem com as mãozinhas nas teclas do piano! Não será esse um índice do ponto de vista que estou defendendo? Em Paris, conheci uma professora que obtinha, com paciencia e habilidade fora do comum, resultados verdadeiramente notaveis em seus cursos frequentados somente por alunos de 3 anos e meio a cinco anos. Suas aulas constituiam como que "recreios", onde a petizada se divertia (com o piano) tocando

de maneira correta as "rondes" infantís mais populares. Essas execuções eram apenas mecânicas, porém o gosto pelo instrumento, portanto pela música, estava conquistado (e êsse tem de ser o objetivo) e os porquês da prática pianística eram, na maioria das vezes solicitados com curiosidade pelas próprias crianças.

Estou com Waldemar de Almeida quanto aos maestros Bentinhos e Cazuzas que, de sopetão, pretendem meter nas delicadas cabecinhas de nossas crianças, a divisão de valores (o que muita gente grande ainda custa a resolver), ao mesmo tempo que exigem execuções de trechos eruditos, tudo nas primeiras lições.

Observações muito acertadas são feitas quanto ao estudo realizado não somente com os dedos, mas, sim com reflexão, com inteligência, com interesse sempre musical, parecendo-me mesmo que aí está a chave para a formação de um verdadeiro artista. Outros tantos reparos, muito oportunos, são feitos quanto à escola a seguir.

Na segunda parte do livro, onde são tratados, com aguda penetração, problemas da execução, admirei com sinceridade suas considerações sôbre o modo de sentar-se ao piano, flexibilidade muscular, maneira de estudar determinadas peças e exercícios, andamentos e articulação de dedos. Todos êsses detalhes são abordados não só com profundo conhecimento de causa, como através de inúmeras observações colhidas durante longos anos, em seus cursos de música.

No capítulo dedicado à sonoridade o autor repele em poucas linhas e de forma não bastante enérgica (inúmeras vezes tenho procurado elucidar essa questão, ainda errada entre muitos cultores da música), a afirmativa de que o piano é um instrumento de sonoridade fixa, isto é sempre igual. Em torno desse ponto importante, tece comentários preciosíssimos, citando, muito a propósito alguns trechos do livro "Mechanisme du toucher", de Marie Jaell, obra célebre que todos os estudantes de piano deveriam conhecer.

Algumas páginas são ainda dedicadas à "expressão", com muito acerto e com muita verdade. Estuda a memória, interpretação, quantidade de horas de estudo, repertório, transposição, leitura a primeira vista, pedais, execuções públicas e férias, finalizando o volume com um capítulo muito curioso: Onde colocar em casa o piano.

"Normas Pianísticas" faz-me constatar o carinho com que Waldemar de Almeida professa a sua arte, pois, numa centena de páginas, mais ou menos, prevê, corrige, aconselha, orienta o estudante, proporcionando-lhe base onde constrúa solidamente sua carreira virtuosística, evitando-lhe os contratempos causados por vícios e defeitos, que retardam um desenvolvimento que deve ser sempre progressivo.

Além de tantas magníficas qualidades, con-

têm seu livro profusa citação de autores especializados, assim como valiosos conselhos dos maiores artista do teclado, tudo enfeixado num trabalho tipográfico de bela apresentação.

INSTITUTO INTER-AMERICANO DE MUSICOLOGIA

Suas primeiras publicações

O Instituto Interamericano de Musicologia que, sob a competente direção de Francisco Curt Lange, vem realizando, de tão pouco tempo para cá, um trabalho grandioso em pról da música e dos músicos americanos, acaba de crear mais um setôr dentre suas múltiplas e eficientes atividades: a "Editorial Cooperativa Interamericana de Compositores", de cujo programa consta a publicação das obras de seus membros. Essa iniciativa da grande entidade uruguaia é louvabilíssima em todos seus aspetos, a prova disso está nas suas recentes primeiras publicações, às quais, seguir-se-ão outras das penas dos mais ilustres compositores americanos. São elas "Cuentos de Niños", de Carlo Suffern e "Mar de Luna", de Luiz Cluzeau Mortet.

Apresentadas em edição sobria e de apurado gosto, demonstrado pela escolha das capas e dos tipos elegantes e discretos, testemunham essas publicações que um elemento sério e muito bem intencionado as superintende com perfeita visão.

"Cuentos de Niños", de Carlos Suffern é uma suite para piano, composta de 3 números: andantino mosso, scherzoso; molto tranquillo ed espressivo e mosso ed irriquieto, dedicada a Romanielo, êsse finíssimo pianista argentino que tive a satisfação de aplaudir em Buenos Aires. O catálogo de Suffern é estenso, abrangendo quasi todos os gêneros: canto, piano, música de câmera, obras orquestrais e obras didáticas.

Em "Cuentos de Niños", nota-se, logo, o compositor que maneja a armonia com facilidade espantosa, através de ritmos variadíssimos, creando ambientes muito felizes e adequados para o que pretende sugerir. Esses contos de crianças não são destinados a pianistas principiantes, como poder-se-ia crer pelo título, muito pelo contrário, exigem técnica avançada e execução de artista consumado. Só assim os diferentes generos contidos nos 3 números, que poderiam estar encimados por títulos significativos, terão interpretação tanto quanto mais adequada. É preciso reconhecer, entretanto, que nos 3 "Cuentos" êsses títulos seriam desnecessários, de tal forma são definidas a movimentação rítmica nos 1.º e 3.º números, e o poder evocativo do 2.º, que tem todo o aspecto de um acalanto.

"Mar de Luna", de Luiz Cluzeau Mortet, nos põe em presença de um compositor uruguaio de marcada sensibilidade e que tambem apresenta em sua bagagem creadora, grande número de obras importantes destinadas ao piano, canto, guitarra, quarteto, orquestra, piano e orquestra, assim como canções escolares. Já conhecia dele "Evocación Criolla" (para piano), que executei em concerto do Departamento Municipal de Cultura, dedicado a obras sulamericanas. Como esta, "Mar de Luna", escrita para versos de Carlos César Lenzi, revela, aos primeiros compassos, grande e agradavel simplicidade na linha melódica, trabalhada sôbre harmonias tambem muito singelas, conservando, no todo, uma atmosfera que lembra a canção popular. Os bonitos versos, interpretados nas suas justas inflexões, deram oportunidade para que Cluzeau Mortet se expandisse com franqueza, através de um "métier" seguro e que se disfarça dentro de uma naturalidade quasi folclórica.

●

— Recebemos: "VALSINHA" (para piano), Clorinda Rosato; ESTUDANTES, ALERTA!, de Luiz Wetterlé (para vozes); PARADA DE GURIS, de Artur Kauffmann, I.M.L., de São Paulo.

N. da R. — Apenas serão comentadas nesta "Secção" as obras enviadas para a Bibliotéca da RESENHA MUSICAL à Rua Cons.º Crispiniano, 79 — S. Paulo.

VARIAS

★

Rosina Da Rimini

IV ANIVERSÁRIO DE RESENHA MUSICAL

A direção desta Revista apresenta a todas as pessoas e entidades que tiveram a delicadeza de enviar parabens pela passagem de seu IV Aniversário, os mais sinceros agradecimentos.

SOCIEDADE SINFONICA CAMPINEIRA

Em assembléia geral ordinária, realizada no dia 23 de outubro, foi eleita a nova diretoria da S. S. C., a qual ficou assim constituida: Presidente, Reinaldo Prestes; Secretário Teófilo Zink; Tesoureiro, Antônio Soares Júnior.

PULICAÇÕES RECEBIDAS:

Orientación Musical, nos. 2 e 3, vol. 1, Agosto-Setembro: Suplementos — **Toco Yo** — para canto, piano ou orgão — de Pedro Michaca; **Caminante del Mayab**, original de Guty Cárdenas, arranjo para três vozes, de José C. Guerrero — México; **Nova Lourdes Brasileira**, Niterói; **Boletim da B.B.C.**, Londres, Inglaterra; **Revista Musical Peruana**, último número.

MUSIC EDUCATORS JOURNAL — American Unity —

Through Music — Maio/Junho de 1941 e Setembro/Outubro de 1941. — Estados Unidos da América do Norte.

ASSOCIAÇÃO CORAL E SINFÔNICA DE S. PAULO

Com o nome acima, fundou-se nesta Capital uma importante associação com o fim de realizar grandes manifestações artísticas no campo musical, contribuindo eficazmente para o desenvolvimento cultural de nossa terra e para propaganda dos grandes nomes da arte nacional e de suas obras.

AVISO AOS ARTISTAS EM GERAL

A Direção de RESENHA MUSICAL solicita aos artistas — músicos (professores, concertistas) e plásticos — o obséquio de enviarem para a sua Redação (Rua Cons.º Crispiniano, 79, São Paulo), seus endereços, dados biográficos e fotografias, a-fim-de figurarem

no fichário desta Revista e que servirão para ilustrar futuras notícias assim como servirão para serem enviados para o exterior quando solicitados, como já tem acontecido posteriormente. A todos que tiverem a gentileza de atender a este pedido, RESENHA MUSICAL antecipa seus agradecimentos.

AUDIÇÃO DE ALUNOS

Promovido pelos profs. Climene e Artur E. Kauffmann, realizou-se em 5 de outubro, no Salão da S. A. Nardelli "Pianos Brasil", à Rua Stella, 63, uma bem organizada audição de alunos. Participaram da mesma Belinha Walbe, Artur Grobman, Sila Vaidergoren, Mirta Sigelman, Yeda Zippin, Maria I. Casado Rêgo, Helena Berezin, Ana Kulikowsky, Elvira C. de Abreu Mello e Sofia Papautsky.

MARA E VALDEMAR HENRIQUE

Esses dois admiraveis e aplaudidos artistas patrícios, realizaram à convite das sociedades culturais das provincias de Santa Fé, Rosario, La Plata e Córdoba, com grande êxito, muitos recitais, na República Argentina.

NICOLAS SLONIMSKY

Realizou-se a 10 de outubro, no salão "Dr. Gomes Cardim", uma conferência do ilustrado compositor, pianista e musicólogo Nicolas Slonimsky, a qual reuniu seleta e numerosa assistência.

EXPOSIÇÃO DO LIVRO HONDURENSE

Por ocasião da inauguração da Exposição do Livro Hondurense, realizada a 15 de setembro p.p., em Barranquilla, Colombia, na séde do Consulado de Honduras, presidido pelo prof. Emirto de Lima, houve uma fina hora de arte, da qual participaram elementos de destaque nos meios artísticos colombianos.

RETIFICAÇÃO — "Carta Aberta"

Por ter sido errado, pedimos aos nossos leitores substituirem na "Carta Aberta", publicada no n.º anterior, à pág. 29, a 28.ª linha, da 2.ª coluna onde se lê: estou afirmando a tonalidade fugitiva de — para: **"estou afirmando a minha adesão a nenhuma** dessas manifestações, está claro."

CABOCLA BONITA

Esse é o titulo do Suplemento Especial, deste n.º. O têma colhido por Mario de Andrade, figura em sua obra "Ensaio sobre a Musica Brasileira", de onde o brilhante compositor brasileiro Artur Pereira, retirou-o para harmoniza-lo. Essa peça alcançou extraordinário sucesso quando executada pelo Coral Paulistano, desta Capital. No próximo n.º publicaremos desse mesmo autor, "Capim da Lagôa", para 4 vózes.

ROSINA DA RÍMINI

A jovem cantora brasileira Rosina Da Rímini, acaba de ser contratada pela R.K.O., devendo seguir em janeiro do próximo ano para os Estados Unidos. Para a Victor, a jovem artista gravou "Luar do Sertão", de Catulo Cearense, arranjo especial, e "Souvenir", de Grieg.

POLDI MILDNER

A brilhante pianista Poldi Mildner, esteve em visita à Redação de RESENHA MUSICAL, onde deixou as seguintes palavras no livro de visitas: "To the Resenha Musical with all best wishes. (a) Poldi Mildner — 16/X/1941."

ADOLFO TABACOW

O consagrado pianista brasileiro A. Tabacow, visitou RESENHA MUSICAL, consignando no livro de visitas esta frase amiga: "Ao Clovis com grande amizade e simpatia. (a) Adolfo Tabacow — 1941."

BERNETTE EPSTEIN

A jovem pianista que há pouco seguiu para os Estados Unidos, deixou-nos as suas despedidas, que nos foram transmitidas pela Exma. Sra. Prof. José Kliass.

RESENHA MUSICAL

O número dessa revista musical paulista que tenho em mãos comemora o 4.º aniversário da sua fundação, o que, em publicação desse gênero, entre nós, é durar muito.

Nele notamos uma simpática homenagem a Barroso Netto, recem-falecido; interessantes secções especializadas; um suplemento músical, contendo o Hino Nacional de Francisco Manoel e sobretudo uma crônica altamente interessante, enviada de Washington pelo Prof. Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, que merece ampla divulgação.

Muito importante parece-me uma bela carta de Camargo Guarnieri, o nosso grande mestre da canção, dirigida a Hans-Joachim Koellreutter, excelente músico, atualmente com residência em S. Paulo. Elogia vivamente a composição "Música de câmara", de Koellreutter, e depois trata, de modo muito curioso, sugestivo e inteligente, da questão do atonalismo musical moderno. Terei de tratar desse assunto em breve e aludirei, então, novamente, a essa carta.

Andrade Muricy

Do "Jornal do Comércio" Rio — 22-10-941."

PANORAMA DA MUSICA POLIFONICA SACRA NA ITALIA

Sôbre este importante tema fez uma conferência no Instituto Musical Sta. Marcelina, a 29 de outubro, o prof. Vincenzo Spinelli, conhecido musicólogo italiano.

RESENHA MUSICAL E SEU IV ANIVERSÁRIO

Com o número de setembro p. passado, RESENHA MUSICAL, que se publica na Capital de São Paulo, comemorou a passagem do IV aniversário de sua fundação.

Dirigida pelo jovem pianista, Sr. Prof. Clovis de Oliveira, auxiliado pela sua digníssima esposa, Profra. Ondina F. Bonora de Oliveira, ambos diplomados pelo conceituado "Conservatório Dramático e Musical de São Paulo", essa magnífica Revista musical tem vencido galhardamente, os mais imprevistos obstáculos, e contribuido para a divulgação da boa literatura musical do Brasil e do estrangeiro.

Do Rio de Janeiro, de localidades interioranas, quer dêste Estado e assim tambem de outros do país, RESENHA MUSICAL recebeu cumprimentos estimuladores para o seu primeiro número editado há já quatro anos passados. E, já agora, arrostando dificuldades

que desanimariam os mais obstinados, atenta às exageradas altas de material adequado à sua confecção técnica, RESENHA MUSICAL tem cumprido todas as suas promessas e agradado aos seus inúmero leitores.

O seu triunfo, portanto, é real e irretorquivel. Merece ela os nossos parabens, porque difundindo a nossa cultura artística, RESENHA MUSICAL é o atestado eloquente do patriotismo de seus diretores, por manter em nossa terra um veículo de progresso musical, que é, a um tempo, o testemunho da generosidade acolhedora de todos quantos têm colaborado para a sua proveitosa existência e o exemplo vivo de um ideal artístico.

ALFREDO FRANKLIN DE MATTOS
Catedrático de Música, por Concurso da Escola Normal Oficial.

(Transcrito do grande orgam **"Botucatú-Jornal"**, editado na cidade que lhe empresta o nome — 12/10/1941).

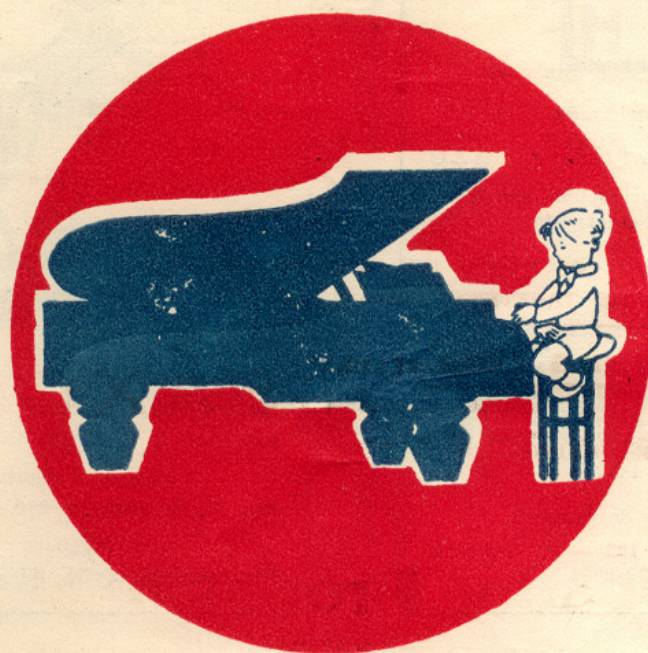
LUIGI BOCCHERINI

O Sr. Dr. Rodolfo Josetti, realizou a 22 de outubro, na Casa da Itália, do Rio de Janeiro, uma conferência sôbre o grande músico italiano.

"O CONCEITO DO BÉLO NA ARQUITETURA"

Esse foi o tema da conferência pronunciada, a 23 de outubro, na Escola Nacional de Bélas Artes, pelo Dr. Wladimir Alves de Souza.

Biblioteca Pianistica Infantil

Edição facilitado de músicas para piano, pelo Maestro JOÃO PORTARO

1.ª SÉRIE

N.º	Autor	Obra	Preço
1	F. M. da Silva	Hino Nacional Brasileiro (Canto e Piano)	2$000
2	Ivanovici	Ondas do Danubio	2$000
3	J. Rosas	Sobre as Ondas	2$000
4	G. Martini	Plaisir D'Amour	2$000
5	Schubert	Marcha Militar op. 51 n. 1	2$000
6	Chopin	Polonaise, op. 40 n. 1	2$000
7	Heller	Tarantella, op. 85 n. 2	2$000
8	Weber	Invitation a la Valse, op. 65	3$000
9	Chopin	Nocturno, op. 9 n. 2	2$000
10	Tschaikowsky	Barcarolla, op. 37 n. 6	2$000

2.ª SÉRIE

N.º	Autor	Obra	Preço
1	Strauss	O Morcego, valsa da Opereta	2$500
2	J. Portaro	Pequena Dansa Holandesa	2$000
3	Chopin	Vibra em mim esta canção, op. 10 n. 3	2$000
4	Strauss	Vida de Artista	2$500
5	Strauss	Sangue Vienense	2$000
6	Beethoven	Adagio da Sonata ao Luar, op. 27 n. 2	2$500
7	Chopin	Valsa Brilhante, op. 24 n.	2$000
8	Boccherini	Célebre Minueto	2$000
9	Rachmaninoff	Preludio, op. 3 n. 2	2$500
10	Zeller	O vendedor de pássaros	2$000

EDIÇÕES I. M. L. — SÃO PAULO

Cabocla Bonita

(Para Côro)

Artur Pereira

VII Suplemento
de
Resenha Musical

Preço avulso: 3$000

CABOCLA BONITA

TOADA (*)

Amazonas

ARTUR PEREIRA
16-XII-930

(*) Do "Ensaio sobre a Musica Brasileira" de Mario de Andrade - E.L. Miranda, S. Paulo.

1.
Você diz que amor não doi
No fundo do coração
(:Tome amor o viva ausente
Oh cabocla bonita
Veja si lhe doi ou não!:)

2.
Senhora Dona da casa
Um favor eu vou pedir:)
(:Meia hora de relogio
Oh cabocla bonita,
Pra seu nêgo divertir.:)

3.
Em cima daquella serra
Tem um pé de quina-quina.
(:Quero bem a toda a moça
Oh cabocla bonita,
Quem tem a cintura fina.:)

4.
Na Baía não se úsa
Pedir moça pra casar.
(:Se entra de porta a dentro
Oh cabocla bonita,
Esta é minha, venha cá!:)